



A ESCRITA DE CARTAS COMO FERRAMENTA AVALIATIVA NO ENSINO

SAMPAIO, Marcolino Sampaio¹

SANTOS, Jaciara de Oliveira Sant'Anna²

Resumo: A escrita de cartas, enquanto prática social e pedagógica, constituiu-se como uma estratégia significativa para a avaliação da aprendizagem, pois possibilita a expressão de ideias, sentimentos e compreensões construídas ao longo do processo educativo. Ao articular linguagem, reflexão e intencionalidade, essa prática favorece uma avaliação mais dialógica, formativa e humanizada, alinhada a perspectivas críticas da educação. Nesse sentido, a avaliação deixa de assumir caráter meramente classificatório e passa a ser compreendida como instrumento de acompanhamento e promoção do desenvolvimento do estudante. Mediante o exposto este estudo tem por objetivo analisar a escrita de cartas como instrumento de avaliação da aprendizagem, destacando seu potencial formativo e reflexivo no contexto educacional. A questão-problema que orienta a pesquisa é: de que maneira a escrita de cartas pode contribuir para uma avaliação da aprendizagem mais formativa, crítica e emancipatória? A metodologia adotada é de natureza bibliográfica e abordagem qualitativa, fundamentada na análise de produções teóricas que discutem escrita de cartas, avaliação e práticas pedagógicas dialógicas. O estudo apoia-se nas contribuições de Camini, (2012); Freire, (1993, 1994); Luckesi, (2011); Hoffmann, (2003). A partir desse referencial teórico, busca-se compreender como a escrita de cartas pode favorecer processos avaliativos mais sensíveis às singularidades dos estudantes,

1 Doutor em Ensino Pela Universidade do Vale do Taquari- UNIVATES, estudante do curso de licenciatura em Letras pela UNIFAVEST. Professor da Universidade do Estado da Bahia -UNEB marcolinosampaio12@gmail.com.

2 Mestre em Ensino, Linguagem e Sociedade, pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB. Professora da Universidade do Estado da Bahia -UNEB, jaciarasantanna@yahoo.com.br



promovendo autonomia, criticidade e construção significativa do conhecimento. Conclui-se que a escrita de cartas se configura como instrumento avaliativo formativo, dialógico e emancipatório, pois favorece a reflexão crítica, a expressão das aprendizagens e o acompanhamento sensível do desenvolvimento do estudante, superando a lógica classificatória e fortalecendo a construção significativa do conhecimento.

Palavras-chave: Avaliação formativa; Escrita de cartas; Prática pedagógica dialógica.

Abstract: The writing of letters, as a social and pedagogical practice, constitutes a meaningful strategy for the assessment of learning, as it enables the expression of ideas, feelings, and understandings developed throughout the educational process. By articulating language, reflection, and intentionality, this practice promotes a more dialogical, formative, and humanized form of assessment, aligned with critical perspectives in education. In this sense, assessment ceases to assume a merely classificatory character and comes to be understood as a tool for monitoring and fostering student development. Given the above, this study aims to analyze letter writing as an instrument for assessing learning, highlighting its formative and reflective potential within the educational context. The research question guiding this study is: in what ways can letter writing contribute to a more formative, critical, and emancipatory assessment of learning? The methodology adopted is bibliographic in nature with a qualitative approach, based on the analysis of theoretical works that discuss letter writing, assessment, and dialogical pedagogical practices. The study is grounded in the contributions of Camini (2012), Freire (1993, 1994), Luckesi (2011), and Hoffmann (2003). Based on this theoretical framework, the study seeks to understand how letter writing can support assessment processes that are more sensitive to students' singularities, promoting autonomy, critical thinking, and meaningful knowledge construction. It is concluded that letter writing constitutes a formative, dialogical, and emancipatory assessment instrument, as it fosters critical reflection, the expression of learning, and a sensitive monitoring of student development, overcoming a classificatory logic and strengthening the meaningful construction of knowledge.

KEYWORDS: Formative assessment; Letter writing; Dialogical pedagogical practice.



1 INTRODUÇÃO

A avaliação da aprendizagem tem sido, ao longo da história da educação, um campo marcado por tensões entre práticas classificatórias e propostas formativas. Tradicionalmente, a avaliação esteve associada à mensuração de resultados e à verificação de conteúdos, muitas vezes reduzindo-se a instrumentos pontuais, como provas e testes. No entanto, com o avanço das discussões pedagógicas, especialmente a partir de perspectivas críticas, amplia-se a compreensão de que avaliar é um processo contínuo, reflexivo e essencialmente formativo. Nessa direção, autores como Cipriano Luckesi e Jussara Hoffmann defendem uma avaliação comprometida com a aprendizagem, que ultrapassa a lógica classificatória e se orienta pelo acompanhamento do desenvolvimento do estudante, considerando suas singularidades e potencialidades.

Nesse contexto, emerge a necessidade de diversificação dos instrumentos avaliativos, de modo a contemplar diferentes formas de expressão do conhecimento e favorecer práticas mais inclusivas e significativas. É nesse cenário que a escrita de cartas se apresenta como uma estratégia pedagógica potente, ao articular linguagem, subjetividade e reflexão crítica. A escrita epistolar, enquanto prática social e educativa, possibilita ao estudante expressar ideias, sentimentos e compreensões construídas ao longo do processo formativo, favorecendo uma avaliação mais dialógica e humanizada. Além disso, ao incorporar elementos de interlocução e intencionalidade, a carta promove uma relação mais horizontal entre professor e aluno, aproximando-se de uma perspectiva freireana de educação, fundamentada no diálogo e na problematização da realidade, conforme proposto por Paulo Freire.

Dessa forma, a avaliação deixa de assumir um caráter meramente técnico e passa a ser compreendida como um instrumento de mediação da aprendizagem, que valoriza os processos, as experiências e as vozes dos estudantes. A escrita de cartas, nesse sentido, contribui para a construção de práticas avaliativas mais sensíveis e coerentes com uma educação emancipadora, ao possibilitar a articulação entre teoria e prática, bem como o desenvolvimento da autonomia e da criticidade. Ao favorecer a expressão autoral e a reflexão sobre o próprio percurso formativo, esse gênero textual amplia as possibilidades de compreensão do processo de aprendizagem, tanto por parte do docente quanto do discente.



Mediante o exposto, este estudo tem como objetivo geral analisar a escrita de cartas como instrumento de avaliação da aprendizagem, destacando seu potencial formativo e reflexivo no contexto educacional. A questão-problema que orienta a pesquisa é: de que maneira a escrita de cartas pode contribuir para uma avaliação da aprendizagem mais formativa, crítica e emancipatória? Busca-se, assim, refletir sobre suas contribuições para práticas avaliativas mais dialógicas e significativas.

Por fim, este estudo está organizado em três seções principais: na primeira, discute-se a avaliação da aprendizagem, abordando suas concepções, funções e perspectivas formativas; na segunda, analisa-se a escrita de cartas como prática pedagógica dialógica, destacando seu potencial na construção do conhecimento; e, na terceira, apresenta-se a escrita de cartas como instrumento de avaliação, por meio de um relato de experiência em turmas de licenciatura em Pedagogia.

2 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico e descritivo, articulada a um relato de experiência. A pesquisa bibliográfica, conforme Antonio Carlos Gil (2019), constitui etapa fundamental na construção do conhecimento científico, possibilitando a delimitação do tema, o aprofundamento teórico e a análise crítica a partir de produções já consolidadas. Nesse sentido, foram selecionadas obras e estudos relevantes no campo da avaliação da aprendizagem e das práticas pedagógicas dialógicas, com destaque para os aportes teóricos de Cipriano Luckesi, Jussara Hoffmann e Paulo Freire, além de contribuições de autores como Camini (2012), Silva (2020) e Sousa (2012), que subsidiam a discussão sobre a escrita de cartas como prática formativa e instrumento avaliativo.

Paralelamente, o estudo incorpora um relato de experiência, desenvolvido a partir das vivências dos autores em turmas do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XX. Trata-se de uma prática pedagógica implementada desde o ano de 2019, que consiste na utilização da escrita de cartas como instrumento de avaliação da aprendizagem ao final de cada semestre letivo.



Os dados analisados são de natureza qualitativa, provenientes das produções escritas dos estudantes (cartas), bem como das observações realizadas durante o processo de implementação da proposta. A análise ocorreu de forma interpretativa, buscando identificar elementos relacionados à construção do conhecimento, à articulação entre teoria e prática, ao desenvolvimento da criticidade e à expressão da autoria discente.

Assim, a metodologia adotada articula revisão teórica e experiência prática, permitindo uma compreensão mais ampla e contextualizada do objeto de estudo, ao evidenciar tanto os fundamentos conceituais quanto as possibilidades concretas de aplicação da escrita de cartas como instrumento de avaliação da aprendizagem em uma perspectiva formativa, dialógica e emancipatória.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seção de resultados e discussão apresenta a análise dos dados à luz do referencial teórico adotado, articulando as contribuições da literatura com as vivências oriundas do relato de experiência. Busca-se, nesse momento, problematizar os achados da pesquisa, evidenciando como a escrita de cartas se configura como prática pedagógica e instrumento de avaliação da aprendizagem, destacando seus limites, possibilidades e implicações para a construção de práticas avaliativas mais formativas, dialógicas e significativas.

3.1 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: CONCEPÇÕES, FUNÇÕES E PERSPECTIVAS FORMATIVAS

A avaliação da aprendizagem ocupa um lugar central no processo educativo, constituindo-se como um elemento indissociável das práticas pedagógicas. Historicamente, a avaliação foi marcada por uma perspectiva tradicional, centrada na mensuração de resultados e na classificação dos estudantes, assumindo, muitas vezes, um caráter excludente e punitivo. No entanto, com o avanço das discussões no campo educacional, emergem novas concepções que compreendem a avaliação como um processo contínuo, formativo e voltado para a promoção da aprendizagem.



Nesse sentido, torna-se fundamental compreender que a avaliação não se limita à aplicação de instrumentos pontuais, como provas e testes, mas envolve um acompanhamento sistemático do desenvolvimento do estudante. Para Luckesi (2011), a avaliação deve ser entendida como um ato de investigar a qualidade da aprendizagem, com vistas à tomada de decisões que favoreçam o avanço do educando. O autor critica fortemente a utilização da avaliação como mecanismo de controle e exclusão, afirmando que “avaliar é um ato amoroso, no sentido de acolher o educando em seu processo de aprendizagem” (LUCKESI, 2011, p. 172).

A partir dessa perspectiva, a avaliação assume uma função diagnóstica e formativa, permitindo ao professor identificar dificuldades, potencialidades e necessidades dos estudantes. Assim, em vez de simplesmente atribuir notas, o docente passa a intervir de maneira mais consciente e intencional no processo de ensino e aprendizagem. Luckesi (2011) destaca que a avaliação, quando orientada por uma perspectiva formativa, contribui para a construção de uma prática pedagógica mais justa e inclusiva, pois considera o estudante em sua totalidade.

Corroborando essa compreensão, Hoffmann (2003) propõe uma reflexão crítica sobre as práticas avaliativas tradicionais, defendendo a avaliação como um processo mediador da aprendizagem. Para a autora, avaliar não é julgar ou classificar, mas acompanhar o desenvolvimento do estudante de forma sensível e comprometida. Segundo Hoffmann (2003, p. 15), “avaliar é mediar o processo de construção do conhecimento”, o que implica estabelecer um diálogo constante entre professor e aluno.

A avaliação mediadora, conforme proposta por Hoffmann, pressupõe uma relação pedagógica pautada na escuta, no respeito às diferenças e na valorização dos processos individuais de aprendizagem. Nessa abordagem, o erro deixa de ser visto como falha e passa a ser compreendido como parte integrante do processo de construção do conhecimento. Dessa forma, o professor assume o papel de mediador, incentivando o estudante a refletir sobre suas próprias aprendizagens e a desenvolver autonomia.

Além disso, a avaliação formativa caracteriza-se por seu caráter contínuo e processual, ocorrendo ao longo de todo o percurso educativo. Diferentemente da avaliação somativa, que se concentra em resultados finais, a avaliação formativa busca acompanhar o processo de aprendizagem,



oferecendo feedbacks constantes que auxiliam o estudante a avançar. De acordo com Luckesi (2011), esse tipo de avaliação possibilita uma intervenção pedagógica mais eficaz, uma vez que permite ajustar as estratégias de ensino às necessidades dos alunos.

Outro aspecto relevante diz respeito à dimensão ética da avaliação. Tanto Luckesi quanto Hoffmann ressaltam a importância de uma prática avaliativa comprometida com a inclusão e com o respeito à dignidade dos estudantes. Para Luckesi (2011), a avaliação não deve ser utilizada como instrumento de poder, mas como um recurso pedagógico voltado para o crescimento do educando. Nessa mesma direção, Hoffmann (2003) enfatiza que o processo avaliativo deve ser conduzido de forma sensível, considerando as singularidades de cada sujeito.

Dessa forma, pensar a avaliação da aprendizagem a partir de uma perspectiva formativa implica romper com paradigmas tradicionais e construir novas práticas pedagógicas, mais coerentes com uma educação democrática e emancipadora. Isso exige do professor uma postura reflexiva, crítica e comprometida com o desenvolvimento integral dos estudantes. Como afirma Hoffmann (2003), é necessário ressignificar a avaliação, transformando-a em um processo de investigação e diálogo.

Em síntese, a avaliação da aprendizagem, quando concebida sob uma perspectiva formativa, deixa de ser um instrumento de classificação e passa a assumir um papel fundamental na promoção do desenvolvimento dos estudantes. Ao incorporar princípios como diálogo, mediação, reflexão e inclusão, a prática avaliativa torna-se mais humana e significativa. Nesse contexto, as contribuições de Luckesi e Hoffmann são fundamentais para a construção de uma avaliação comprometida com a aprendizagem e com a formação de sujeitos críticos e autônomos.

3.2 A ESCRITA DE CARTAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DIALÓGICA

A escrita de cartas, enquanto prática pedagógica, configura-se como um potente instrumento de mediação dialógica no processo educativo, sobretudo quando orientada por princípios críticos e reflexivos. Historicamente, o gênero epistolar ultrapassa sua função comunicativa imediata para se



constituir como espaço de expressão, construção de sentidos e produção de conhecimento. Nesse contexto, compreender a escrita de cartas como prática pedagógica dialógica implica reconhecer sua dimensão formativa, intersubjetiva e política no âmbito da educação. De acordo com Camini (2012, p. 79), a carta é “essencialmente portadora de conteúdo, de metodologia popular, de uma intencionalidade formativa e informativa”, o que evidencia seu potencial enquanto recurso pedagógico capaz de articular saberes cotidianos e científicos. Tal perspectiva aproxima-se de uma concepção de educação que valoriza a experiência dos sujeitos e promove o diálogo como eixo central da aprendizagem. Nesse sentido, a escrita de cartas favorece a construção de um espaço comunicativo horizontal, no qual educadores e educandos podem compartilhar vivências, reflexões e questionamentos.

Corroborando essa ideia, Silva (2020) afirma que escrever cartas é uma forma de registrar experiências, impressões e memórias, permitindo organizar e sistematizar fatos que, a partir da leitura e reflexão, podem ser problematizados e transformados em fonte fecunda de construção do conhecimento. Para a autora, “a carta é essencialmente um gênero que implica pessoalidade, uma relação dialógica, de intensa comunicação” (Silva, 2020, p. 17). Essa característica dialógica da carta a torna um dispositivo privilegiado para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que valorizem a escuta, a autoria e a interlocução entre os sujeitos envolvidos no processo educativo.

Além disso, ao considerar a dimensão narrativa presente na escrita de cartas, é possível compreender seu papel na constituição das identidades docentes e discentes. Sousa (2012, p. 25) destaca que “[...] narrar histórias e contar a vida caracteriza-se como uma das possibilidades de tecer identidade, de compreender como nos tornamos professores e das configurações que nos são forjadas nos nossos percursos de vida-formação”. Assim, a escrita epistolar possibilita aos sujeitos revisitarem suas trajetórias, ressignificarem experiências e produzirem sentidos sobre sua formação, configurando-se como prática reflexiva e autoformativa.

Nesse cenário, as contribuições de Paulo Freire são fundamentais para a compreensão da escrita de cartas como prática pedagógica dialógica. O educador brasileiro utilizou amplamente o gênero epistolar em suas obras, como *Cartas à Guiné-Bissau* (1978), *Cartas à Cristina* (1994), *Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos* (2000) e *Professora*



Sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar (2002). Nessas produções, Freire estabelece um diálogo direto com diferentes interlocutores, abordando questões educacionais, políticas e sociais de maneira crítica e humanizadora.

As cartas de Freire revelam, conforme Camini (2012, p. 32), “a expressão da profunda humanidade de Freire” e se constituem como narrativas que promovem o diálogo com pais e educadores, discutindo problemas contemporâneos e suscitando reflexões sobre o mundo, a vida, as pessoas e a escola. Ainda segundo a autora, essas cartas tratam de cidadania, posicionamento político, indignação, transformação e esperança, proporcionando aprendizagens significativas, reflexão crítica e uma leitura do passado que permite questionar o presente em uma perspectiva prospectiva.

A utilização da carta como instrumento pedagógico também pode ser compreendida como estratégia metodológica em pesquisas educacionais, ao possibilitar uma comunicação mais direta e sensível entre pesquisador e sujeitos da pesquisa. Trata-se de um recurso que favorece a expressão subjetiva, a escuta atenta e a construção compartilhada do conhecimento, em consonância com os pressupostos da pesquisa qualitativa e da pedagogia crítica.

Dessa forma, a escrita de cartas, enquanto prática pedagógica dialógica, contribui para a construção de uma educação mais humanizada, participativa e reflexiva. Ao promover o diálogo, a autoria e a escuta, esse gênero textual possibilita a valorização das experiências dos sujeitos e a problematização da realidade, elementos essenciais para uma prática educativa comprometida com a transformação social. Em consonância com o pensamento freireano, a carta se apresenta como um instrumento potente de comunicação e formação, capaz de articular teoria e prática, emoção e reflexão, individualidade e coletividade no processo educativo.

3.3 A ESCRITA DE CARTAS COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM TURMAS DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA.

A avaliação da aprendizagem constitui-se como um processo central no campo educacional, uma vez que possibilita aos educadores compreenderem o desenvolvimento dos discentes em relação aos objetivos propostos



no percurso formativo. Nessa perspectiva, a avaliação ultrapassa a lógica meramente classificatória e assume um caráter formativo, investigativo e processual. Conforme afirma Hoffmann (2003, p. 39), “o processo de avaliação representa um compromisso do professor de investigar e acompanhar o processo de aprendizagem do aluno no seu cotidiano, contínua e gradativamente”, buscando não apenas compreender essa trajetória, mas também intervir por meio de provocações intelectuais significativas. Assim, avaliar implica dialogar com o estudante, reconhecendo suas singularidades e promovendo avanços em sua aprendizagem.

Tão importante quanto compreender a função da avaliação é refletir sobre os instrumentos utilizados nesse processo. Os instrumentos avaliativos são ferramentas que permitem verificar conhecimentos, habilidades, competências e atitudes dos estudantes, podendo assumir diferentes formatos, a depender dos objetivos pedagógicos e das especificidades do contexto educativo. Entre os mais recorrentes, destacam-se provas escritas, trabalhos em grupo, seminários, projetos, portfólios e observações sistemáticas. A diversidade de instrumentos contribui para uma avaliação mais ampla e significativa, pois possibilita que os estudantes expressem suas aprendizagens de múltiplas formas, contemplando diferentes estilos e ritmos de aprendizagem.

Nesse contexto, a escrita de cartas emerge como um instrumento avaliativo inovador e potente, especialmente em cursos de formação de professores, como a licenciatura em Pedagogia. Trata-se de uma proposta que articula avaliação e expressão subjetiva, favorecendo o desenvolvimento da criticidade, da argumentação e da autoria dos discentes. Desde o ano de 2019, essa estratégia tem sido utilizada em turmas de licenciatura, configurando-se como uma prática avaliativa contínua e significativa.

A atividade é apresentada aos estudantes no início do semestre, juntamente com o plano de ensino. Nesse momento, os discentes são informados de que, ao final do período letivo, deverão produzir uma carta direcionada a um interlocutor de sua escolha, que pode ser um político, um gestor escolar, um coordenador pedagógico, um colega, um teórico da educação ou qualquer outra pessoa que considerem pertinente. O conteúdo da carta deve estar relacionado a um dos temas estudados no componente curricular, sendo admirável que o estudante apresente, de forma crítica, suas



impressões sobre os conteúdos abordados, bem como elabore proposições fundamentadas teoricamente.

Como critério avaliativo, estabelece-se que todas as proposições presentes na carta devem estar ancoradas em, pelo menos, dois teóricos estudados ao longo do semestre. Essa exigência contribui para o desenvolvimento da articulação entre teoria e prática, aspecto fundamental na formação docente. Além disso, a escrita epistolar favorece a construção de um discurso mais pessoal e reflexivo, permitindo que o estudante se posicione de maneira mais autônoma diante dos conhecimentos construídos.

A utilização da carta como instrumento de avaliação dialoga com a perspectiva formativa defendida por Hoffmann (2003), uma vez que possibilita ao professor acompanhar o processo de aprendizagem de forma mais qualitativa e interpretativa. Ao analisar as cartas produzidas pelos estudantes, o docente tem acesso não apenas ao domínio conceitual dos conteúdos, mas também às percepções, inquietações e compreensões construídas ao longo do percurso formativo. Trata-se, portanto, de um instrumento que amplia as possibilidades de leitura do processo de aprendizagem, indo além de respostas objetivas e padronizadas.

Do ponto de vista dos discentes, a proposta apresentou boa aceitação, sendo reconhecida como uma atividade diferenciada e significativa. A possibilidade de escolha do interlocutor, aliada à liberdade de expressão e à exigência de fundamentação teórica, contribuiu para o engajamento dos estudantes e para a produção de textos mais autorais e críticos. Indiretamente, pode-se afirmar que essa estratégia favorece o protagonismo discente, ao colocar o estudante no centro do processo avaliativo, como sujeito ativo na construção do conhecimento.

Para o professor, a escrita de cartas também se revelou um instrumento enriquecedor, na medida em que possibilita obter um retorno mais aprofundado sobre sua prática pedagógica. Por meio das narrativas dos estudantes, é possível identificar aspectos que foram bem compreendidos, bem como lacunas e dificuldades que demandam replanejamento. Nesse sentido, a avaliação assume um caráter dialógico e reflexivo, contribuindo não apenas para a aprendizagem dos estudantes, mas também para o desenvolvimento profissional docente.



A continuidade da utilização desse instrumento ao longo dos semestres reforça sua eficácia e pertinência no contexto da formação inicial de professores. Ao promover a articulação entre teoria, prática e reflexão crítica, a escrita de cartas consolida-se como uma estratégia avaliativa alinhada a uma concepção de educação comprometida com a formação de sujeitos críticos, autônomos e capazes de intervir na realidade. Dessa forma, reafirma-se a importância de diversificar os instrumentos de avaliação, incorporando práticas que valorizem a subjetividade, o diálogo e a construção coletiva do conhecimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas neste artigo reafirmam a centralidade da avaliação da aprendizagem no processo educativo, especialmente quando compreendida sob uma perspectiva formativa, contínua e dialógica. À luz das contribuições de Luckesi (2011) e Hoffmann (2003), evidencia-se a necessidade de superar práticas avaliativas tradicionais, centradas na classificação, em favor de uma avaliação comprometida com a aprendizagem, a inclusão e o desenvolvimento integral dos estudantes. Avaliar, nesse sentido, implica investigar, acompanhar e intervir de maneira intencional no percurso formativo.

Nesse contexto, destaca-se a importância da diversificação dos instrumentos avaliativos, como estratégia para contemplar as múltiplas dimensões da aprendizagem e respeitar as singularidades dos sujeitos. A adoção de práticas avaliativas diferenciadas possibilita ampliar as formas de expressão do conhecimento, tornando o processo mais significativo, participativo e coerente com uma educação democrática.

A escrita de cartas, conforme discutido, revela-se uma prática pedagógica dialógica e um instrumento avaliativo potente. Ao articular pessoalidade, reflexão e interlocução, favorece a construção de sentidos, a autoria e o posicionamento crítico dos discentes, em consonância com as contribuições de Camini (2012), Silva (2020), Sousa (2012) e Paulo Freire. Trata-se de uma estratégia que vai além da verificação de conteúdos, promovendo a problematização da realidade e a articulação entre teoria e prática.



No âmbito do relato de experiência em turmas de licenciatura em Pedagogia, a utilização da escrita de cartas mostrou-se exitosa. A proposta foi bem aceita pelos estudantes, favorecendo o engajamento, o protagonismo e a produção de reflexões fundamentadas. Para o docente, constituiu-se como um instrumento enriquecedor, ao possibilitar um retorno qualitativo sobre o processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para o replanejamento das práticas pedagógicas.

Dessa forma, conclui-se que a incorporação de instrumentos avaliativos diferenciados, como a escrita de cartas, fortalece uma avaliação mais humana, reflexiva e dialógica. Tal prática evidencia seu potencial na formação docente, reafirmando sua relevância como estratégia inovadora e significativa no contexto educacional.

REFERÊNCIAS

CAMINI, Isabela. **Cartas Pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. 33. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

SILVA, Juliana Vieira da. **Narrativas do cotidiano (per)formativo: a escrita de cartas como modo de dizer-ser**. Campinas, SP: 2020.

SOUSA, E, C; ALMEIDA, J, B. **Narrar histórias e contar a vida: memórias cotidianas e histórias de vida de educadores baianos**. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *Pesquisa (auto)biográfica em rede*. Natal: Ed. UFRN; Porto alegre: Ed. IPUCRS; Salvador; Ed. UNEB, 2012. p. 29-31.